

NORMA DA VIDA

Sinto-te o coração dorido em prece
 E perguntas, em pranto, alma querida e boa:
 - "Como guardar a fé, sem que a prova nos doa
 Nos recessos do ser?
 Uma norma de paz haverá sobre a Terra,
 Que consiga sanar as chagas da alma triste?"
 Sem pretensão, respondo que ela existe:
 - Trabalhar e esquecer.

A própria Natureza é um livro aberto.
 Recorda o tronco antigo e a tempestade;
 Desçam raios do céu, a nuvem brade,
 Sob a crise da noite a estremecer,
 Ei-lo, porém, ereto e firme, agüentando a
 tormenta...
 Quebra-se-lhe quase toda a ramaria,
 Ele guarda, no entanto, as instruções da vida:
 - Trabalhar e esquecer.

Vejo a terra humilhada na lavoura,
 Ferida e massacrada
 Ao peso do trator e entre golpes de enxada
 Tem nos vulcões rugindo o seu bravo gemer...
 Mas, mesmo assim, produz o pão do mundo,
 Injuriada e revolvida
 Atende a ordenação que recebe da vida:
 - Trabalhar e esquecer.

O fio d'água que nasceu na serra,
 Pouco a pouco se fez amplo regato,
 Percorrendo quilômetros de mato,
 A correr e a correr...
 Dessedentando pombos e serpentes,
 Sofre a baba do lobo que o domina
 E segue para o mar, ante a norma divina:
 - Trabalhar e esquecer!...

Assim também, alma querida e boa,
 Se carregas contigo farpas de amargura,
 Desencanto, tristeza, desventura,
 Chora, mas faz o bem - nosso alto dever...
 Quanto às pedras e empecos do caminho,
 Desengano e aflição, mágoa e mudança,
 Olvida!... E segue as vozes da esperança:
 - Trabalhar e esquecer!...

Maria Dolores

ANTEVISÃO

Um dia chegará, de segundo a segundo,
 A vitória imortal!... Tiranias ultrizes
 Dobrarão para sempre as trágicas cervizes,
 Ante o reino do amor a espraia-se, fecundo!

A impiedade revel, o ódio a rir-se iracundo,
 A usura de Harpagão e o gládio de Cambises
 Serão rostos crostais de velhas cicatrizes,
 Temerárias lições no semblante do mundo!

Não mais fome ou nudez, o arado, a escola e o malho
 Entoarão sobre a Terra as canções do trabalho
 Em trompas e clarins de concerto bendito!